

## A PRODUÇÃO INTELECTUAL BRASILEIRA SOBRE CURRÍCULO A PARTIR DOS ANOS 80

Rosa Fátima de Souza\*

Este texto constitui a síntese de um relatório de pesquisa de revisão bibliográfica sobre a produção intelectual brasileira no campo do currículo, no período compreendido entre 1980 a 1992. O estudo objetivou contribuir para a sistematização da bibliografia produzida no campo do currículo no Brasil, a partir da década de 80, e oferecer subsídios para a pesquisa teórica e empírica neste campo. Objetivou, também, identificar os interlocutores, as temáticas, o conteúdo e pressupostos da produção intelectual em livros e periódicos e verificar as tendências e/ou concepções de currículo presentes nessa produção.

A escolha do conjunto de fontes para o enfrentamento do objeto de estudo recaiu sobre livros e artigos em periódicos publicados no País. Foram selecionados todos os livros cuja temática central era o currículo, perfazendo um total de 12 obras. Em relação aos artigos, procurou-se selecionar aqueles que tratavam do currículo em geral, excetuando-se os voltados especificamente para conteúdos curriculares (disciplinas específicas). Não se buscou esgotar a bibliografia existente nos periódicos mas, sim, reunir um número considerável de textos que possibilitassem delinear um quadro de referência razoável sobre a produção intelectual no campo do currículo. Os 34 artigos arrolados para a análise coincidem com o número de artigos encontrados nos principais periódicos de circulação nacional, na área de educação do País e que satisfizeram os critérios estabelecidos para a investigação.

\*Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Educação da USP. Professora de Currículos e Programas do Departamento de Ciências da Educação da FCL/UNESP.

## A Produção no Campo do Currículo no Brasil: uma síntese retrospectiva

Segundo Moreira (1990), um primeiro ensaio de sistematização das questões curriculares surgiu no País, no início do século, no contexto das reformas do ensino realizadas em vários estados, contando com a atuação de importantes participantes do movimento renovador da educação — Escola Nova, como: Anísio Teixeira, Mario Casassanta, Fernando de Azevedo, Carneiro Leão, entre outros (Nagle, 1974, p.95-124; Moreira, 1990). Portanto, pode-se dizer que o campo do currículo no Brasil nasceu na efervescência do Escolanovismo, tendo sofrido influências do pensamento progressivista em educação, em especial, das idéias de Dewey e Kilpatrick. No entanto, este campo de estudos se consolidou a partir da criação do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP), em 1938.

A publicação da Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, a partir de 1944, tornou-se um dos principais veículos de difusão do pensamento curricular emergente. Na década de 50, o INEP publicou o primeiro livro brasileiro sobre currículo *Introdução ao Estudo da Escola Primária* (1955), de João Roberto Moreira. Além das publicações, o INEP empreendeu outras iniciativas na área como cursos e estudos específicos; principalmente, através do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais e dos Centros Regionais, criados a partir de 1955. As Divisões de Treinamento do Magistério, ligadas a estes centros "ofereceram cursos sobre planejamento curricular e organizaram escolas experimentais que funcionaram como laboratórios de estudo e pesquisas sobre currículo e metodologia de ensino" (Moreira, 1990, p.110). No que diz respeito ao pensamento curricular do INEP, Moreira afirma que o mesmo tinha uma forte influência progressivista advinda de Dewey e Kilpatrick. Influência esta que foi reinterpretada, principalmente, por Anísio Teixeira e aplicada à realidade brasileira.

Também o Programa de Assistência Brasileiro-Americana ao Ensino Elementar (PABAAE), cujo acordo foi assinado em 1956, exerceu significativa influência no desenvolvimento do currículo no País. Dos oito departamentos criados no Programa, um era especificamente de Currículo e Supervisão, dedicando-se à promoção de cursos sobre currículo e assistência técnica em questões curriculares. O departamento oferecia três disciplinas: Currículo na Escola Elementar, Supervisão do Ensino na Escola Primária e Currículo e Supervisão, todas elas enfatizando o "como planejar e desenvolver currículos". A associação entre currículo e supervisão assinala, por sua

vez, a ênfase nos aspectos instrumentais e técnicos do currículo. A influência marcadamente americana pode ser percebida na bibliografia utilizada, onde predominavam autores americanos e mesmo autores brasileiros, como Marina Couto, Dalila Sperb e Lady Lina Traldi, que haviam estudado nos Estados Unidos. Diferentemente do INEP, no PABAAE houve uma forte influência tecnicista<sup>1</sup>. Nesse sentido, deve-se destacar o livro de Marina Couto, *Como Elaborar o Currículo* (1966), amplamente utilizado no Programa e que representa o pensamento curricular deste.

Nos anos 60, além da influência do PABAAE, o desenvolvimento do campo do currículo no Brasil foi marcado pela introdução da disciplina Currículos e Programas nos cursos de Pedagogia, após a Reforma Universitária (Lei 5.540/1968). Desde então, o campo do currículo instalou-se no interior das faculdades e universidades, tornando-se campo de ensino e pesquisa.

Na década de 70, permanece, pois, a grande influência americana no campo do currículo com características tecnicistas. Vários livros foram traduzidos — *Currículo Moderno: um planejamento dinâmico das avançadas técnicas de ensino* (1970), de Robert S. Fleming; *Princípios Básicos de Currículo e Ensino*, de Ralph Tyler (1974). Em relação a este último livro, é preciso mencionar a sua enorme difusão no País, o qual no período de 1974-1984 chegou a ter nove edições, conforme notifica Domingues (1985).

As únicas publicações de livros sobre currículo, de autor brasileiro, nesta década, foram os livros de Lady Lina Traldi — *Currículo: conceituações e implicações*, *Currículo: metodologia de avaliação* e *Currículo: teoria e prática*, em 1977 (Moreira, 1990; Cardoso et al., 1987; Domingues, 1985). Em todas estas obras percebe-se com evidência a predominância da tendência tecnicista, ainda que não possa ser absolutizada. É isto, por exemplo, que Moreira(1990) buscou demonstrar ao identificar nas obras de Tyler e Taba princípios progressivistas. Segundo balanço das publicações

<sup>1</sup> Por influência tecnicista entende-se a tradição curricular predominante nos EUA, até a década de 60, caracterizada pela racionalidade técnica, preocupações com determinação de objetivos e controle do processo educativo. Os principais teóricos dessa tendência foram F. Bobbit e R. Tyler. Ver Tyler (1974) e Kliebard (1980).

sobre currículo nos anos 70, realizada por este autor. "Diversos artigos sobre currículo, publicados nos anos 70, enfatizam planejamento curricular, educação profissionalizante, legislação curricular, necessidades industriais e eficiência (cf., por exemplo, Pires, 1970,1971; Peregrino, 1972; Nascimento, 1974,1975). A influência de autores americanos tecnicistas é bem mais visível, embora seja também nítida, em outros trabalhos, como que para contrabalançar a aridez do tecnicismo, uma orientação humanista derivada da fenomenologia, do existencialismo, do progressivismo e da não-diretividade (cf. Bordas, 1976; Mota e Santos, 1976; Martins, 1978). As influências observadas nos artigos em currículo, na década em questão, apontam mais para uma postura eclética do que para uma adesão rigorosa do tecnicismo".

É preciso matizar afirmações generalizadoras quanto à unicidade da adoção, influência e predominância do tecnicismo no campo do currículo no Brasil. Mesmo assim, ainda que não tenha ocorrido uma "adesão" rigorosa ao tecnicismo, esta produção influenciou toda uma geração de educadores e instituiu uma determinada forma de conceber a teoria e prática do currículo no País. A produção crítica dos anos 80, como será mostrada mais adiante, significou, de certa forma, uma ruptura com essa produção predominante.

#### A Produção dos Anos 80

##### *A Produção em Livros*

Um dos primeiros aspectos a ressaltar é o grande número de obras de autores nacionais, diferentemente das décadas anteriores, mais marcadas pela difusão de obras estrangeiras traduzidas. Dos 12 livros publicados, oito são de autores nacionais, três de autores estrangeiros e um de autor estrangeiro, mas editado primeiramente no País. A maior parte das publicações data da segunda metade da década de 80—oito livros — e início dos anos 90 — quatro livros (ver Quadro I).

Outro aspecto a ressaltar é que na grande maioria desses livros perpassa o espírito da renovação — com exceção da obra de Frederick (1987) — o que os diferencia substancialmente da produção sobre currículos das décadas anteriores, como será visto a seguir.

Em relação aos livros de autores nacionais—em número de oito—três são coletâneas de textos: *Currículo: análise e debate* (1981); *Pensando Currículo* (1988); e *Supervisão e Currículo* (1983). Os dois últimos constituem-se em obras de divulgação da produção de Programas de Pós-Graduação na Área de Currículo: *Pensando Currículo*, produzido pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná; e *Supervisão e Currículo*, que reúne trabalhos de autores ligados à Pós-Graduação em Educação, na área de concentração em Supervisão e Currículo da PUC/SP.

Outros três livros constituem adaptações de teses e dissertações: Saul, 1988 (tese de doutorado— PUC/SP); Moreira, 1990 (tese de doutorado — Instituto de Educação da Universidade de Londres); e Silva, 1990 (dissertação de mestrado — PUC/SP). Também vinculado às atividades do Programa de Pós-Graduação da PUC/SP encontra-se o livro de Martins (1992).

Verifica-se, também, que todos os autores desses livros são professores vinculados à universidade, mesmo os autores estrangeiros, seja a programas de pós-graduação, seja a faculdades de educação. Por isso, sobressaem os programas de pós-graduação como os principais responsáveis pela produção sobre currículo no País, evidenciando, conseqüentemente, a universidade como *locus* da produção de conhecimento na área.

Quadro I — Relação de Autores e Livros Publicados a partir da Década de 80

AUTORES	NOME DO LIVRO	EDITORA	ANO DE EDIÇÃO	EDIÇÃO NO EXTERIOR
ORKEELY, A. J.	0 Currículo: teoria e prática	Happer & Raw do Brasil	1981	1977
MESSICK, R.(org.)	Currículo: análise e debate	Zahar	1962	-
APPLE, M.	Ideologia e Currículo	Brasiliense	1982	1979/EUA
D'ANTOLA, A.	Supervisão e Currículo	Pioneira	1983	-
FREDERICK, A.	Currículo e Contexto Sociocultural	MacGraw-Hill	1987	-
RANGEL, M.	Currículo de 1ºe 2º Graus no Brasil	Vozes	1988	-

VÁRIOS	Pensando Currículo	Pós-Grad. UFPR	1988	-
SAUL, A. M	Avaliação Emancipatória	Cortez/Aut. Assoc.	1988	-
APPLE, M.	Educação e Poder	Artes Médicas	1989	1985/EUA
MOREIRA, A. F.	Currículos e Programas no Brasil	Papirus	1990	●
SILVA, T. M. N.	A Construção do Currículo na Sala de Aula	EPU	1990	-
MARTINS, J.	Um Enfoque Fenomenológico do Currículo: educação como poíesis	Cortez	1992	

No início da década de 80, dois livros indicaram, ainda que timidamente, novas perspectivas no tratamento do currículo. Em *O Currículo: teoria e prática* (1981), Albert V. Kelly se propõe a apresentar uma "visão prospectiva" das diversas teorias existentes no campo. No entanto, o livro contempla as questões temáticas tradicionais do currículo — como planejamento, objetivos, integração, avaliação — além de discutir o contexto social do desenvolvimento do currículo e o problema do currículo comum. O autor se limita então, mais a discutir e tematizar estes diferentes aspectos que propriamente teorizar sobre no tema tal como sugere o título.

Em *Currículo: análise e debate* (1981) encontram-se textos importantes, representativos das tendências do debate e abordagens críticas no campo em âmbito internacional, mais propriamente o norte-americano. Nesse sentido — como as próprias organizadoras o classificam — o livro se apresentava, naquele momento, como "literatura de renovação". Destacam-se alguns textos, como os de Kliebard, que consistem em uma crítica contundente ao modelo baseado nas obras de Bobbit e Tyler, chamado pelo autor de paradigma técnico-burocrático. Os textos de Cronbach e Parlett e Hamilton apresentam enfoques qualitativos para a avaliação educacional.

Em 1982, é publicada a tradução de *Ideologia e Currículo*, de Michael Apple, três anos após sua publicação nos Estados Unidos da América. Esta obra pode ser considerada uma das mais importantes da década pela significativa influência nos estudos e

debates sobre currículo a partir de então. *Ideologia e Currículo* constituiu a primeira obra traduzida no Brasil, acerca do campo do currículo, construída a partir da perspectiva sociológica e que adotou o referencial teórico-marxista. Difundiu, assim, uma outra ótica de análise dessa temática.

A questão central do livro, como o próprio título sugere, é a da relação existente entre ideologia e currículo. O objetivo de Michael Apple com este livro, é compreender "como as escolas produzem e reproduzem formas de consciência que permitem a manutenção de controle social sem que os grupos dominantes tenham que recorrer a mecanismos declarados de dominação" (p.12). Para isto, investiga três áreas da vida escolar: a) a experiência escolar e o ensino ideológico dissimulado, ou seja, a questão do currículo oculto; b) problematização do conteúdo ideológico do currículo; c) problematização da atuação do educador.

Para Apple, o problema do conhecimento em educação, ou seja, o que se ensina nas escolas—o currículo — deve ser considerado uma forma de distribuição mais extensa de bens e serviços dentro da sociedade. Para ele, trata-se de saber: a) Em que medida o conhecimento transmitido pela escola contribui para a manutenção das diferenças sociais? b) Por que se ensinam nas escolas alguns conhecimentos e não outros? c) Como fazem as escolas para distribuir esse capital cultural? Este estudo sobre o conhecimento educacional deve ser um estudo em ideologia, pois, como explica o autor. "Em termos mais claros, o conhecimento manifesto e oculto encontrado nos equipamentos escolares, e os princípios de seleção, organização e avaliação desse conhecimento são seleções dirigidas pelo valor de um universo muito mais amplo de conhecimento possível e princípios de seleção. Portanto, não devem ser aceitos como dados, mas problematizados — ligados, se assim se quiser chamar — de modo que possam ser rigorosamente examinadas as ideologias sociais e econômicas e os significados padronizados que se encontram por trás deles" (Apple, 1982, p.72). As escolas desempenham o papel de distribuidoras de normas e valores necessários a fazer com que a desigualdade social pareça natural. Isto é feito através do currículo oculto<sup>2</sup>, noção que explicita a forma pela qual a ideologia é veiculada pelo currículo.

<sup>2</sup> Por currículo oculto, emprega o mesmo sentido dado por Jackson: "normas e valores que são implícita porém efetivamente transmitidos pelas escolas e que habitualmente não são mencionados na apresentação feita pelos professores dos fins ou objetivos" (Apple, 1982, p.72).

*Supervisão e Currículo*, organizado por Ariette D'Antola e publicado em 1983, apresenta um conjunto de textos que assinala um outro enfoque que terá grande influência na produção brasileira no campo do currículo, qual seja, a abordagem *humanista* com base no pensamento de Paulo Freire. A coletânea, segundo a organizadora, compreende os trabalhos mais significativos produzidos no Programa de Pós-Graduação em Supervisão e Currículo da PUC/SP. O livro não trata unicamente do currículo, como uma das categorias dessa diáde, tal como o próprio nome parece sugerir. Dos oito capítulos, cada um composto por um texto, apenas quatro tratam especificamente do currículo.

Na segunda metade da década de 80, são publicados outros cinco livros. Dois deles dão continuidade às tendências já anunciadas no início da década: *Avaliação Emancipatória*, de Ana Maria Saul (1988), sob a abordagem humanista; e *Educação e Poder* (1989), de Michael Apple, sob o ângulo neomarxista.

Os três outros livros conservam resquícios da abordagem tradicional, além de serem trabalhos pouco consistentes. Isto pode ser observado no livro *Currículo e Contexto Sociocultural: modelos e sugestões para a pesquisa curricular* de Alfred Daniel Frederick, publicado em 1987; *Currículo de 1º e 2º Graus no Brasil* (1988), de Mary Rangel e *Pensando Currículo* (1988), coletânea de textos.

*Avaliação Emancipatória: desafio à teoria e à prática de avaliação e reformulação de currículo*, de Ana Maria Saul (1988), representa um marco editorial por se constituir numa das primeiras publicações brasileiras na área de avaliação de currículo, elaborada a partir de uma perspectiva crítica. A importância dessa obra reside, sobretudo, na exposição de um novo paradigma de avaliação denominado pela autora de "Avaliação Emancipatória". Paradigma este fundado na pesquisa qualitativa e seus pressupostos, algo inovador na área. Os pressupostos teórico-metodológicos subjacentes à Avaliação Emancipatória são: Avaliação Democrática, Crítica Institucional e Criação Coletiva e Pesquisa Participante. No pressuposto da Crítica Institucional e Criação Coletiva há o encontro com a Pedagogia Libertadora de Paulo Freire. Embora o livro trate de avaliação de currículo e não do currículo propriamente dito, o esforço de teorização nesta área, tão próxima, destaca-o como obra de especial relevância na produção sobre currículo nos anos 80.

Em *Educação e Poder* (1989), Michael Apple dá continuidade a seu livro anterior, *Ideologia e Currículo* (1982). Mas o faz a partir da autocrítica em relação a alguns aspectos considerados por ele mesmo como sendo reducionistas e mecanicistas presentes nesse livro. Em *Educação e Poder*, busca compreender os papéis contraditórios exercidos pelas escolas e perceber as possibilidades para a ação individual e coletiva. Contesta a visão da escola como simples reprodutora e rejeita análises que estabelecem uma correspondência direta entre o sistema educacional e a base econômica. Tenta demonstrar, ainda, que as escolas possuem autonomia relativa; e, utilizando a concepção de "reprodução contestada", procura apreender o movimento contraditório em que se insere o processo educacional. Além disso, apresenta uma análise que enfatiza os conflitos, as mediações e as resistências. Outro conceito ampliado pelo autor é o de cultura, entendida como mercadoria (capital cultural), e como experiência vivida pelos indivíduos em interação uns com os outros. Avança também, neste livro, ao considerar as escolas não apenas como instituições distribuidoras de conhecimento, mas como produtoras deste.

O período de 1990 a 1992 apresenta um número significativo de livros, assim considerados não apenas pela quantidade mas, principalmente, pela consistência teórica neles presente. De fato, eles representam um salto qualitativo na produção intelectual sobre currículo.

Assim, *Currículos e Programas no Brasil*, de Antônio Flávio Barbosa Moreira (1990), constitui estudo primoroso sobre o campo do currículo no País, ao destacar as influências e tendências presentes no pensamento curricular brasileiro. A influência estrangeira, principalmente a norte-americana, sobre o campo do currículo, é o ponto de partida do autor para iniciar sua análise. Nela, a questão da "transferência educacional" se torna a base argumentativa e a referência de fundo para estudo do desenvolvimento curricular brasileiro.

Moreira defende a tese de que as raízes do pensamento curricular brasileiro se encontram nas idéias progressivistas de Dewey, Kilpatrick e de autores europeus vinculados ao movimento da Escola Nova. Neste sentido, uma das mais férteis idéias do autor é a da permanência da influência dos princípios progressivistas no desenvolvimento do campo do currículo no País. Ainda mais que isso. Embora Moreira evidencie a predominância da tendência tecnicista na década de 70, procura

demonstrar, também, que o discurso curricular no Brasil, nestes anos, não foi apenas e exclusivamente tecnicista. De fato, teve influências progressivistas e, sobretudo, o pensamento estrangeiro não teria sido absorvido sem crítica e adaptações. Pelo contrário, sofreu as inevitáveis modificações decorrentes das especificidades dos contextos cultural e sócio-econômico e das condições processuais da realidade brasileira. Outros temas interessantes tratados pelo autor são a questão da disciplina Currículos e Programas nos Cursos de Pedagogia e os debates recentes sobre currículo no Brasil.

*A Construção do Currículo na Sala de Aula: o professor como pesquisador* (1990), de Terezinha Maria Nelli Silva, trata do relato de uma pesquisa realizada pela autora, em 1984, numa experiência de ensino na disciplina de Didática, em curso de Licenciatura Plena para técnicos do ensino médio.

Tal obra exemplifica uma tentativa de desenvolver uma das tendências da abordagem humanista de reconsideração do currículo como processo e construção. A autora fundamenta seu trabalho no pensamento de Apple, Giroux, Faundez e Freire e defende o ponto de vista segundo o qual "a construção do ensino e do currículo, na visão crítica, deve ser responsabilidade conjunta de professores e alunos" (p. xiii). Enquanto relato de uma investigação, desenvolvida na linha de pesquisa professor-pesquisador, a obra é bastante interessante, porém, no que concerne à questão da construção do currículo na sala de aula, a questão é tratada superficialmente.

*Um Enfoque Fenomenológico do Currículo: educação como poíesis*, de Joel Martins (1992), apresenta-se como obra inédita no Brasil, adotando a fenomenologia no tratamento do currículo. O livro é organizado por Vitória H.C. Espósito a partir de anotações e textos escritos para o curso "Fenomenologia e Currículo", ministrado pelo professor Joel Martins no Programa de Pós-Graduação em Supervisão e Currículo na PUC/SP, em 1990.

Como afirma o autor, seu objetivo é tentar encontrar outra possibilidade de analisar currículo saindo das concepções correntes. O termo currículo é utilizado, então, como equivalente à educação, envolvendo tanto o ensino quanto os programas de estudos. A concepção de currículo apresentada pelo autor privilegia a subjetividade e a experiência pessoal do sujeito presentes no ato de aprender: "somente o que é

aprendido por meio da experiência e pessoalmente apropriado será verdadeiramente conhecido" (Martins, 1992, p.85). Mas esta experiência pressupõe a reflexão que é o caminho para se chegar ao autoconhecimento. Vê-se, pois, que o autor alarga, sobremaneira, a noção de currículo. Para ele, do ponto de vista da fenomenologia, não cabe compreender o currículo como instrumento preestabelecido contendo objetivos, métodos, conteúdos, avaliações. Como bem explicita: "currículo é a própria vida do indivíduo numa situação de mundo — o mundo da educação, lugar onde estão localizadas a escola, a comunidade, a natureza, as coisas dentro da natureza mesma. Tudo isso dentro de sua concepção de consciência de... e da atribuição de significados por essa consciência. Constitui-se na produção do conhecimento a partir do experienciado, isto é, do mundo vivido pelo sujeito, considerado um ser transformador" (Martins, 1992, p.88). Por isso, ao construir currículo, deve-se preocupar sobretudo, com as possibilidades efetivas de o aluno apropriar-se de sua experiência educacional integrando-a à estrutura da consciência e incorporando-a como forma de estar-aí-no-mundo (idem, p.76).

A amplitude pela qual o currículo é compreendido (equivalente à educação) toma-o indeterminado. Contudo, é uma primeira apresentação dessa abordagem no campo, o que sem dúvida contribui como referência inovadora.

### A Produção em Periódicos

Da mesma forma que o observado na produção em livros é a mesma a origem dos discursos. A maioria dos autores (cerca de 95%) são professores universitários. A incidência de diferentes artigos de um mesmo autor, publicados em periódicos diversos, ressaltam estudiosos que têm uma produção mais efetiva na área, podendo-se destacar, aqui, por exemplo, Tomaz T. Silva (UFRGS), Antônio F. B. Moreira (UFRJ), Ana Maria Saul (PUC/SP), Teresa Silva Roserley (SME/SP). Veja-se Quadro II.

Dois publicações de 1987 vão merecer destaque por serem coletâneas de textos exclusivos sobre o tema: o número 13 do Cadernos CEDES, intitulado *Currículos e Programas: como vê-los hoje?* e o número 63 da Revista de Educação AEC, intitulada *Conteúdos Escolares*.

O conteúdo dos artigos levantados revela temáticas múltiplas. No entanto, é possível identificar a incidência de alguns temas e o delineamento de algumas tendências. Assim, os artigos foram classificados em duas grandes categorias de acordo com a natureza dos conteúdos e das temáticas: 1) reflexões de natureza teórica sobre currículo; e 2) debate em tomo de questões atinentes ao currículo.

Na categoria um, foram agrupados os artigos que têm o currículo como principal objeto de análise e lhe dão um tratamento teórico, ou seja, buscam um conhecimento sistemático, organizado, reflexivo. Estes são em número de 13. Esta categoria desdobra-se em três tipos de temáticas: a) paradigmas e abordagens em currículo; b) sociologia do currículo; c) relato de pesquisa em currículo.

Já a categoria dois reúne temas que estão em debate. Sobre eles foram selecionados 21 textos que problematizam não propriamente o currículo enquanto objeto específico, mas que abordam "questões curriculares". Nesta categoria, três aspectos sobressaem: a) polêmicas em tomo dos conteúdos/saber escolar; b) questões de política curricular e c) temas diversos.

### *Reflexões de Natureza Teórica sobre Currículo*

Foram encontrados três artigos tratando da questão dos *paradigmas e abordagens teóricas do currículo* (temática a). O artigo de Domingues, *Interesses Humanos e Paradigmas Curriculares*, caracteriza os três paradigmas: técnico linear, circular consensual, dinâmico-dialógico e discute a presença dos mesmos na realidade brasileira.

Os dois outros textos — o de Teresa Silva Roserley, *Influências Teóricas no Ensino e Currículo no Brasil* e o de Tomaz Tadeu Silva, *Currículo, Conhecimento e Democracia: as lições e as dúvidas de duas décadas*, fazem um balanço das influências teóricas no campo do currículo. Constituem importantes textos de revisão bibliográfica.

**QUADRO II - Relação de Artigos Selecionados para a Análise, Publicados a partir da Década de 80**

AUTOR	INSTITUIÇÃO	ARTIGO	PERIÓDICO	DATA
APPLE, M	Wisconsin	0 Formato Curricular e a Lógica do Controle Técnico...	FELDENS.M. <sup>1</sup>	1986
AZANHA, J	Prof. USP/SP	Objetivos da Educação nacional e Currículos para o Ensino...	Rev.Fx.Educ	1988
BURNHAM, T. F.	Profa UFBA	Vazio de Significado Politico-Epistemológico na Escola Pública	Anais 6 <sup>o</sup> CBE	1992
CARDOSA, E.etalli	Prof. UFF	Os Livros Tradicionais de Currículo	Cadernos CEDES	1987
DOMINGUES, J.L	Prof. UFGO	Interesses Humanos e Paradigmas Curriculares	RBEP	1986
GANDIN.D.	Asses.AEC/RS	Conteúdos: possíveis brechas no dia-a-dia	Rev. Ed. AEC	1987
GARCIA, C. M.	Profa UFPR	Currículo: concepções contemporâneas e uma orientação	Didática	1985
GARCIA, C. M.	Profa UFPR	Inovação Curricular	Educar	1987
GARCIA, R.L	SME/RJ	Um Currículo a Favor dos Alunos das Classes Populares	Cad. CEDES	1987
KRASILCHIK, M.	Prof. USP/SP	0 Currículo na Sala de Aula	Rev. Fac. Educ	1984
GIROUX, H.	Prof. Univ. Miami	Pedagogia do Conteúdo versus Pedagogia da Experiência...	Educação & Realidade	1986
GOMES, O A. O	Prof. PUC/RJ	Sociologia do Currículo: perspectivas e limitações	Forum Educ.	1980
GONÇALVES, O.	Prof. UFRJ	Incorporação de Práticas Curriculares nas Escolas	Cad.de Pesq.	1984
LIBÂNEO, J. O	Prof. UFGO	Pedagogia Crítico-Social, Didática e Currículo	Anais XVI Sem. Tec.Educ	1986
LUCKESI, C. C.	Prof. UFBA	Currículo e Ideologia uma contribuição à reflexão...	FELDENS, M. *	1986
MITRUUS, E.	Profa. USP/SP	Educação e Currículo: promessas e contribuições da Nova Soc.	Rev. Fac. Educ.	1983
MOREIRA, A. F. B.	Prof. UFRJ	A Contribuição de Michael Apple para o desenv. de uma teoria...	Forum Educ.	1989
MOREIRA, A. R. B.	Prof. UFRJ	Sociologia do Currículo: origens, desenvolvimento	Em Aberto	1990
MOREIRA, A. R. B.	Prof. UFRJ	Reflexões sobre o Ensino de Currículos e Programas no Rio de Janeiro	ANDE	1991
MOREIRA, A. R. B.	Prof. UFRJ	Escola, Currículo e a Construção do Conhecimento	Anais CBE	1992
OUVEIRA, R.	Cons. Com. Negra *	Reflexões sobre a Experiência de Alteração Curricular em SP	Cad. de Pesq.	1987
OTTI, M. B.	Profa. UFRGS	Currículo: um sobreviver no estrangeiro e um sobreviver na própria terra	Rev. Edu. AEC	1987
SAUL, A. M.	Profa. PUC/SP	Comentários ao Texto: "0 Formato Curricular e a Lógica do Controle Técnico	FELDENS, M *	1986
SAUL, A. M.	Profa PUC/SP	Refletindo sobre a Escola Unitária e Diversidades Regionais — implicações para o currículo	Anais IV CBE	1988
SAVIANI, D.	Prof. UNICAMP	0 Ensino Básico e o Processo de Democratização da Sociedade Brasileira	ANDE	1984
SEVERINO, A. J.	Prof. USP/SPA	Formação Profissional do Educador: pressupostos filosóficos e implicações curriculares	Rev. Fac. Educ.	1991
SILVA, T. R. N.	SME/SP	Currículo para as Áreas Rurais: opção necessáriaCad.	CEDES	1987
SILVA, T. R. N. e	SME/SP	Influências Teóricas no Ensino e Currículo no Brasil	Cad. Pesq.	1989
SILVA, T. R. N. e				
ARELANO, L R. G.	SME/SP	Orientações Legais na Área do Currículo nas Esferas Federal e Estadual, a partir da Lei 5.692/71	Cad. CEDES	1987
SILVA, T. T.	Prof. UFRGS	'Conteúdo': um conceito com falta de conteúdo?	Rev. Edu.AEC	1987
SILVA, T. T.	Prof. UFRGS	Distribuição do Conhecimento Escolar e Reprodução Social	Edu. Realidade	1988
SILVA, T. T.	Prof. UFRGS	Currículo, Conhecimento e Democracia: as lições das dúvidas de duas décadas	Cad. Pesq.	1990
SILVA, T. T.	Prof. UFRGS	Produção, Conhecimento e Educação: a conexão que falta	Educ. & Sociedade	1988
YOUNG, M.	Prof. Univ. Londres	Currículo e Democracia: lições de uma crítica à 'Nova Sociologia da Educação'	Educação e Realidade	1989

<sup>1</sup> Esta publicação congrega as conferências, debates e trabalhos apresentados no Seminário Internacional de Ensino — SIE, realizado no período de 23 a 27 de setembro de 1985, em Porto Alegre/RS.

Outra temática bastante significativa encontrada nos artigos é a que trata da *Sociologia do Currículo* (temática b). O tom de todos os artigos é de, certa forma, o de apresentação, divulgação e caracterização dessa temática, além de se dedicarem a apontamentos críticos. Isto talvez possa ser explicado pela originalidade do enfoque sociológico no estudo do campo do currículo, que exigiu apresentação e divulgação para os leitores. Podem ser citados os seguintes artigos: *Sociologia do Currículo: perspectivas e limitações*, de CA. Gomes, *Educação e Currículo: promessas e contribuições da nova sociologia da educação*, de Eleny Mitulic, *A Contribuição de Michael Apple para o Desenvolvimento de uma Teoria Curricular Crítica no Brasil e Sociologia do Currículo: origens, desenvolvimento e contribuições*, de A.C Moreira e *Produção, Conhecimento e Educação: a conexão que falta* de Tomaz Tadeu Silva.

Por último, nesta primeira categoria, na terceira temática, *relato de pesquisas no campo do currículo*, foram encontrados quatro artigos, cada um tratando de uma linha de pesquisa diferente. Obéd Gonçalves, em *Incorporação de Práticas Curriculares nas Escolas*, relata pesquisa relacionada à incorporação de práticas de planejamento na estrutura das escolas e nas atividades de planejamento curricular nas escolas de 1<sup>o</sup> grau; Cardoso et al., em *Os Livros Tradicionais de Currículo*, trata de pesquisa sobre os livros tradicionais de currículo, sendo considerados os livros mais usados nas faculdades de educação, na década de 70. Tomaz Tadeu Silva, em *Distribuição de Conhecimento Escolar e Reprodução Social*, objetivou compreender que pedagogias diferentes eram distribuídas em escolas freqüentadas por classes sociais diferentes, tendo como discussão central a questão da distribuição do conhecimento. O artigo de Moreira, *Reflexões sobre o Ensino de Currículos e Programas do Rio de Janeiro*, descreve pesquisa realizada junto a 14 professores da disciplina Currículos e Programas, de diferentes universidades do Rio de Janeiro, para compreender a visão e a prática de ensino deles.

#### *Debates em Torno de Questões Atinentes ao Currículo*

Nesta categoria, foram analisados 21 artigos. Na primeira temática classificada, *polêmicas em torno dos conteúdos/saber escolar*, foram encontrados nove artigos que expressam, de uma lado, o debate entre partidários da Pedagogia Histórico-crítica e partidários da Educação Popular, e, por outro lado, posições que buscam superar tal polarização.

Os artigos de José Carlos Libâneo, *Pedagogia Crítico-Social e Currículo*, de Cipriano Carlos Luckesi, *Currículo e Ideologia: uma contribuição à reflexão sobre a resistência à manutenção da ideologia* e de Dermeval Saviani, *O Ensino Básico e o Processo de Democratização da Sociedade Brasileira* exemplificam o ponto de vista dos partidários da Pedagogia Histórico-crítica defendendo os "conteúdos" como núcleo central do currículo.

Os artigos de Danilo Gandin, *Conteúdos: possíveis brechas do dia-a-dia*, e de M.B. Otti, *Currículo: um sobreviver no estrangeiro e um sobreviver na própria terra*, criticam essa supervalorização dos conteúdos em detrimento da experiência dos educandos.

Os artigos de Tomaz Tadeu Silva, *Conteúdo: um conceito com falta de conteúdo?*; de Antônio F.B. Moreira, escola, *Currículo e a Construção do Conhecimento*; e de Henry Giroux, *Pedagogia do Conteúdo Versus Pedagogia da Experiência: esta é uma má polarização...* e o de Teresinha Fróes Burnham, *Vazio de Significado Político-Epistemológico na Escola Pública* procuram avançar no debate ao se direcionarem para uma síntese destas duas posições citadas, indicando a necessidade de se buscar um ponto de equilíbrio entre saber erudito e saber popular, sem o privilégio de um sobre o outro.

Outra temática diz respeito à *política curricular*. Na publicação do Cadernos CEDES, nº 13, 1987, dedicado ao tema do currículo, três textos abordam aspectos da política curricular: o de Teresa Roserley Silva e Lisete G. Aurelano, *Orientações Legais na Área de Currículo, nas Esferas Federais Estadual, a partir da Lei 5.692/71*, o de Regina Leite Garcia, *Um Currículo a Favor dos Alunos das Classes Populares* e outro de Teresa Roserley Silva, intitulado *Currículo para as Áreas Rurais — opção necessária*. Tais artigos discutem as implicações legais para a estrutura curricular da escola de 1<sup>o</sup> grau e a questão do currículo para a zona rural. Outros artigos como: *Refletindo sobre a Escola Unitária e Diversidades Regionais: implicações para o currículo*, de Ana Maria Saul; *Objetivos da Educação Nacional e Currículos para o Ensino de 1<sup>o</sup> 2<sup>o</sup> e 3<sup>o</sup> Graus*, de José Mário Pires Azanha e *A Formação Profissional do Educador, pressupostos filosóficos e implicações curriculares*, de Antônio Joaquim Severino, ressaltam diferentes questões polêmicas, tais como: o sentido do que seja escola unitária, o currículo na Nova LDB e diretrizes curriculares para os cursos de formação de professores.

Na temática intitulada *temas diversos* encontram-se discussões difusas. Os vários textos: *Currículo: concepções contemporâneas e uma orientação*, e *Inovação Curricular* de Consuelo de Menezes Garcia; *O Currículo na Sala de Aula*, de Myriam Krasilchik; *Reflexões sobre a Experiência de Alteração Curricular em São Paulo*, de Rachel de Oliveira; *O Formato Curricular e a Lógica do Controle Técnico: construindo o indivíduo possessivo*, de Michael Apple e *Comentários ao Texto V Formato Curricular e a Lógica do Controle Técnico*, de Ana Maria Saul, abordam os seguintes assuntos, respectivamente: modelo de planejamento curricular, reflexão sobre inovação curricular, currículo para o ensino de ciências, introdução da cultura negra no currículo, materiais de difusão do currículo e controle técnico.

## Conclusões

Pode-se dizer que a produção sobre currículo, a partir dos anos 80, é quantitativa e qualitativamente diferente da produção das décadas anteriores. Em se tratando dos interlocutores, percebe-se que essa é uma produção acadêmica, uma vez que a maioria dos autores são professores universitários. Acresce, ainda, que parte dessa produção está vinculada a Programas de Pós-Graduação, podendo-se destacar alguns centros universitários importantes localizados em São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul, tais como: Universidade de São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade Federal Fluminense, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Quanto ao conteúdo e pressupostos da produção no campo do currículo nesta última década, observa-se, por um lado, uma ruptura, principalmente no que diz respeito às abordagens utilizadas no tratamento do tema e, por outro lado, a multiplicidade dos discursos produzidos; e isto pode ser verificado tanto nos livros quanto nos artigos.

Em relação à produção em livros destaca-se, em primeiro lugar, a diferença quantitativa entre a produção, a partir da década de 80 e a da década de 70. Nesta, foram publicados quatro livros sobre currículo no País, sendo três de autores estrangeiros — Tyler (1974), Fleming (1970), Taba (1974)—e um de autora brasileira, Traldi (1977) — coletânea em três volumes. A partir da década de 80, diminuiu a publicação de livros estrangeiros — apenas três: Kelly (1981), Apple (1982 e 1989) —; e aumentou o

número de publicações nacionais — cinco na década de 80: Messick (1982), D'Antola (1983), Rangel (1988), Coordenação do Programa de Pós-Graduação da UFPR (1988), Saul (1988); e três no início dos anos 90: Moreira (1990), Silva (1990) e Martins (1992).

A produção a partir dos anos 80 é, em sua maioria, temática e crítica. Ocorre um deslocamento expressivo de temas e abordagens. Os manuais de currículo, contendo modelos e sugestões voltados para a elaboração e planejamento do currículo — dirigidos, portanto, a informar uma prática—são substituídos por uma literatura crítica problematizadora. Como ressalta Apple (1982), ao invés de perguntas de caráter técnico, centradas em como planejar currículo, os estudiosos passaram a fazer pergunta de natureza mais política, e voltaram para questões explicativas (por quê?) capazes de desvendarem os aspectos dissimulados e subjacentes ao currículo. Este passa a ser problematizado a partir das relações políticas, econômicas e socioculturais. A abordagem analítica, descritiva, prescritiva é, assim, substituída pela abordagem dialética e de natureza sociológica.

Nisto reside, pois, a significativa diferença do olhar dirigido ao campo do currículo. A contribuição das teorias críticas enraizadas no marxismo e neomarxismo de certa forma "revolucionaram" os estudos nesta área, colocando o currículo em um novo patamar epistemológico. Isto pode ser visto no fato de o mesmo ter sido tomado como questão central da Nova Sociologia da Educação. Não só isto, mas pela fertilidade da produção teórica que motivou a partir de então. Passou-se a questionar, a problematizar aquilo que era considerado naturalmente dado.

O dinamismo dessa produção se destacou como característica. Se, no início da década de 80, tratou-se de denunciar as relações entre currículo e cultura, ideologia e poder, estabelecendo a vinculação entre a distribuição do conhecimento e reprodução social — com base principalmente no pensamento de Apple (1982) e Young, no final desta década, já se encontram presentes revisões críticas, propondo-se a superar os limites e reducionismos presentes na produção anterior—Apple (1989), Silva (1990), Young e Giroux, entre outros.

Ainda, em se tratando da sociologia do currículo, constata-se a influência estrangeira no pensamento curricular brasileiro. Contudo, não cabe falar em simples "transferência" ou reprodução. O que se percebe é um esforço de reinterpretção dos autores

estrangeiros, à luz da realidade brasileira incorporando elementos legados pela própria produção autenticamente nacional no campo da educação. É o caso das influências de Paulo Freire e Demerval Saviani. Não é por acaso que os livros traduzem, mesmo que de forma implícita, posicionamentos que coadunam com uma ou outra das tendências representadas pelos autores citados acima — Pedagogia Libertadora (Educação Popular) e Pedagogia Histórico-crítica.

De forma geral podem ser identificadas três tendências principais na produção bibliográfica brasileira no campo do currículo a partir dos anos 80: o enfoque sociológico, com base no marxismo e neomarxismo, expresso na Nova Sociologia da Educação; o enfoque humanista, com base nas idéias de Giroux e Paulo Freire; e o enfoque fenomenológico, desenvolvido por Joel Martins.

No que diz respeito à produção em periódicos, é perceptível a diversidade e fragmentação teórica e discursiva. São poucos os artigos que tratam do tema de forma sistemática; a maioria, ao contrário, situa-se no âmbito do debate. Contudo, o volume dessa produção denota que a perda do *status* da área, sucumbida pelos debates e análises político-sociais sobre a educação, não foi acompanhada pela diminuição da produção. Ao contrário, a questão do currículo passou a ser mencionada mais e mais nos diversos discursos educacionais mesmo que de forma superficial e tangencial.

Em se tratando das tendências verificadas nessa produção, o deslocamento das preocupações, antes, em torno dos aspectos técnico-metodológicos para preocupações, agora, de natureza política, econômica e sociocultural, ampliou, de forma significativa, o universo de análise do currículo. Evidentemente, isto aprofundou as dificuldades de acercar-se do currículo enquanto objeto de estudo e, portanto, de construir uma teoria geral do mesmo. É o que se pode perceber nos livros e artigos analisados. Além disso, novas áreas de pesquisa vieram a se somar neste campo, na última década: os estudos históricos das disciplinas escolares e os estudos etnográficos da construção do conhecimento na sala de aula.

Fato é que o currículo, por sua própria natureza, resiste a simplificações fáceis. Nele encontra-se impregnado o problema da relação teoria-prática, pois conceber o currículo demanda que se tenha uma concepção de mundo, sociedade e educação e, considerar os fundamentos filosóficos, ideológicos, sociológicos, epistemológicos, antropológicos,

políticos e institucionais/administrativos. O currículo implica sempre pretensões pragmáticas, ou seja, nele está imbricada a questão da racionalidade da ação. Ele concerne, também, às decisões educativas sendo, portanto, afeto a questões de planejamento (concepção) e operacionalização/desenvolvimento (processo).

Por tudo isto, o currículo se apresenta para o campo educacional como objeto/temática complexo e não-reduzível; e, ao mesmo tempo ambíguo — questão teórico-prática, questão abstrato-concreta, formal-processual. Não é, pois, por acaso, a polissemia do termo e mesmo a falta de consenso quanto à sua definição e concepção.

A questão fundamental é, portanto, saber das possibilidades de produção de uma "teoria do currículo" que ..consiga dar conta da sua natureza ambígua, múltipla e complexa acercando-se dos problemas da relação teoria-prática

As digressões apresentadas acima têm o intuito de refletir sobre o terreno moveção sobre o qual reside a pesquisa e a prática do currículo no País.

De fato, um grave problema é o distanciamento entre a produção "teórica" e a realidade vivida no cotidiano das escolas. O que, em decorrência, nos leva a questionar acerca da contribuição do campo do currículo na formação dos educadores.

A questão do currículo perpassa, de forma crucial, a discussão do fazer docente e, portanto, reivindica sua interação com a didática, a psicologia, a filosofia e outras disciplinas de formação no campo educacional.

Nesta perspectiva, os tantos aspectos que envolvem o currículo e outros do domínio educativo que são por ele determinados, indicam a necessidade de se romper com a rigidez de "campos de especialidades" e caminhar na busca da interdisciplinaridade e da transdisciplinaridade. E isto, certamente, implica conseqüências profundas na concepção de formação de educadores.

A polêmica pouco profícuca em tomo da revalorização dos "conteúdos" resultou na secundarização de outras questões fundamentais para o campo do currículo como, por exemplo, o da relação entre as características da cultura brasileira e as condições de produção do conhecimento científico e do conhecimento escolar em nossa sociedade.

A ênfase nos aspectos político-sociais secundarizaram aspectos culturais, pedagógicos e epistemológicos.

Partindo de uma concepção abrangente de currículo, compreendendo-o como "seleção da cultura de uma sociedade" (Lawton, 1975, p.6), então é no mínimo necessário que se debruce sobre a compreensão da cultura brasileira atual—o que implica considerar, no currículo, questões de relações de classe, gênero e raça; questões relacionadas ao desenvolvimento científico e tecnológico; questões ecológicas, de moral e ética; além de reconsiderar a dimensão corporal, artística e lúdica que envolve o ato educativo.

Por fim, a revisão da produção intelectual brasileira no campo do currículo, a partir dos anos 80, exposta neste artigo, permitiu obter um quadro referencial das tendências e abordagens dessa produção. A análise indicou a amplitude das tarefas teórico-práticas com as quais terão que se haver educadores e estudiosos do currículo visando à consolidação de um campo de produção científico-acadêmica. Indicou por último, a necessidade de incorporar o potencial crítico verificado nessa produção, em possibilidades criadoras e realizáveis.

#### Referências Bibliográficas

- ANDRÉ, M.E.D.A. Técnicas qualitativas e quantitativas: oposição ou convergência? *Cadernos CERU*, n.13,1991.
- APPLE, Michael. *Ideologia e currículo*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- CARDOSO, E.A. et al. Os livros tradicionais de currículo. *Cadernos CEDES*, n.13, 1987.
- CHERVEL, A. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. *Teoria & Educação*, n.2,1990.
- CURRÍCULOS e programas: como vê-los hoje? *Cadernos CEDES*, São Paulo, n.13, 1987.
- DOMINGUES, J.L. *O cotidiano da escola de 1º grau: o sonho e a realidade*. São Paulo, 1985. Tese (Doutorado) • PUC/SP.
- GIMENO SACRISTÁN, J. *El curriculum: una reflexión sobre la práctica*. 3.ed. Madrid: Morata, 1991.
- GOLDBERG, Maria Amélia Azevedo. *Avaliação de programas: vicissitudes, controvérsias, desafios*, São Paulo: EPU, 1982.
- KLIEBARD, H.M. Burocracia e teoria do currículo, In: MESSICK, R.G. et al.(Org.). *Currículo: análise e debate*. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.
- LAWTON, D. *Class, culture and the curriculum*. London: Routledge & Kegan Paul, 1975.
- MARTINS, Joel. *Um enfoque fenomenológico do currículo: educação como poíesis*. Org. Vitória Helena Cunha Espósito. São Paulo: Cortez, 1992.
- MESSICK, Rosemary Graves et al. (Org.). *Currículo: análise e debate*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- MOREIRA, Antônio Flávio B. *Currículos e programas no Brasil*. Campinas: Papyrus, 1990.
- NAGLE, Jorge. *Educação e sociedade na Primeira República*. São Paulo: EPU, 1974.
- SALVADOR COLL, César. Concepción constructivista y planteamiento curricular. *Cuadernos de Pedagogia*, n.1888, ene. 1991.

SAUL, Ana Maria. *Avaliação emancipatória: desafio à teoria e prática da avaliação e reforma do currículo*. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1988.

SILVA, Tomaz T. da. *O que produz e o que reproduz em educação: ensaios de sociologia da educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

TRIVINOS, A.N.S. *Introdução à pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo: Atlas, 1987.

TYLER, Ralph. *Princípios básicos de currículo e ensino*. Porto Alegre: Globo, 1974.